(Transcrição)

Sede das Nações Unidas (Nova York), 28 de maio de 1997

Chiara Lubich no Simpósio na Sede das Nações Unidas
Rumo à unidade das Nações e à unidade dos Povos

Excelências, senhoras e senhores,

temos a honra de estar aqui, no Centro de um organismo mundial: a ONU, que é integrada por 185 nações, "unidas" pela finalidade principal de "manter a paz e a segurança internacional".

Essa finalidade, como proclama o seu Estatuto, vai tomando corpo através do respeito dos direitos fundamentais do ser humano e dos povos, da cooperação econômica entre os Estados, do desenvolvimento social de cada país.

A sua ação visa eliminar numerosos flagelos que minam a humanidade: guerras, corrida armamentista, negação da liberdade de cada membro da família humana, e ainda, fome, analfabetismo, pobreza.

Como sabemos, este é o novo conceito de "paz e de segurança" confiado às Nações Unidas. A paz não é mais definida como ausência de guerra, mas como o resultado de condições que geram a paz.

Um organismo, portanto, exemplar, que além de contar com todo o apoio da humanidade, recebe também a bênção do Céu, pela verdade afirmada por Jesus Cristo, Príncipe da Paz: "Bem-aventurados os construtores de paz, porque serão chamados filhos de Deus" (cf *Mt* 5, 9).

Eu, que hoje estou aqui entre os senhores, também represento uma realidade que vive praticamente em todas as nações do mundo, embora mais humilde, menos famosa, no entanto, relacionada com o grande e famoso organismo que hoje me hospeda.

Também esta realidade, cujo nome é Movimento dos Focolares, tem por finalidade a paz no mundo. Ele atua na Igreja católica, em outras 300 Igrejas e em muitas Religiões, juntamente com homens não movidos por convicções religiosas, mas de boa vontade. Visando a unidade entre os indivíduos, entre os grupos, entre os povos, sonhando com uma realidade futura, que poderia ser expressa pelo nome: mundo unido, ele gera a paz no mundo.

O Movimento propõe, promove, constrói a paz não a partir dos vértices, como faz a ONU, mas trabalhando na humanidade, no meio do povo, entre pessoas que se diferenciam pelo idioma, raça, nacionalidade e crença religiosa. (aplausos)

E qual é o vínculo da unidade, que produz a paz?

O amor, o amor que palpita no fundo de cada coração humano. Para os seguidores de Cristo, ele consiste no ágape, que é uma participação do próprio amor que vive em Deus: um amor forte, capaz de continuar a amar quem não lhe retribui mas o ataca, como o inimigo; é um amor capaz de perdoar.

E para quem segue outras crenças religiosas, esse amor é chamado de benevolência e vem explicitado por aquela "Regra de ouro" que enriquece muitas Religiões e diz: "Faça aos outros aquilo que gostaria que os outros lhe fizessem; não faça aos outros aquilo que não gostaria que os outros lhe fizessem".

Esse amor, no caso de pessoas sem uma fé religiosa, pode significar filantropia, solidariedade, não-violência.

Amor, portanto, amor humano-divino que não exclui o amor simplesmente humano e fraterniza homens e mulheres, crianças e idosos, pessoas de toda a camada social, fazendo de todos um único

coração. Isso traz conseqüências no plano espiritual e material: suscita uma partilha mais ou menos total, mas sempre na atmosfera da paz.

Devido à sua vocação à unidade e à paz, hoje o Movimento dos Focolares se sente aqui, na minha pessoa, como na sua própria casa e adverte um impulso interior a oferecer a sua colaboração, que provém da base. […]

A nossa espiritualidade, atual e moderna, é chamada de espiritualidade da unidade. Ela gera um novo estilo de vida, assumido por milhões de pessoas que, inspirando-se fundamentalmente em princípios cristãos - sem se descuidar, aliás, evidenciando valores correspondentes em outras crenças e culturas -, trouxe ao mundo, ávido de reencontrar ou de consolidar a paz, como já disse, a paz e a unidade.

Esta espiritualidade não é vivida apenas individualmente, mas por várias pessoas juntas. De fato, ela tem uma acentuada dimensão comunitária.

Lança as suas raízes em algumas frases do Evangelho, que se encadeiam umas nas outras.

Citarei aqui somente algumas.

A espiritualidade da unidade supõe, em primeiro lugar, que se reconheça Deus profundamente por aquilo que Ele é: Amor, Pai.

De que modo imaginar a paz e a unidade do mundo sem a visão da humanidade como uma família? E como considerá-la assim sem reconhecer a existência de um Pai para todos?

Ela exige, portanto, que se abra o coração a Deus Pai, que nunca abandona os filhos ao próprio destino, mas quer acompanhar, proteger, ajudá-los; que não sobrecarrega de pesos os seus ombros, pois Ele é o primeiro a carregá-los.

Acreditar no seu amor é o imperativo desta nova espiritualidade; acreditar que Ele nos ama de modo pessoal e infinito.

Deus conhece o mais íntimo do nosso ser; segue cada passo que damos nos mínimos detalhes; conta até os cabelos da nossa cabeça (cf *Lc* 12, 7). Ele não deixa unicamente nas mãos dos homens a renovação da sociedade, mas também é o seu autor.

Acreditar no amor de Deus. E entre as mil opções que a existência oferece, escolher Deus como ideal de vida. Colocar-se inteligentemente diante de Deus naquela atitude que cada homem assumirá no futuro, quando alcançar o destino para o qual foi chamado: a Eternidade.

Mas é claro que não basta acreditar no amor de Deus, não basta ter feito dele o grande ideal da nossa vida. A presença e as atenções de um Pai requer que cada um aja como filho, que ame por sua vez o Pai e atue diariamente o especial desígnio de amor que o Pai tem para cada um. Isto é, Ele convida a fazer a sua vontade.

Sabemos que a vontade de um pai mais importante é que os filhos se tratem como irmãos, que se queiram bem, que se amem. Ele quer que conheçam e pratiquem o que pode ser definido como "a arte de amar", que encontramos no Evangelho.

Segundo essa arte temos que amar a todos, todos, todos. Não devemos escolher entre o simpático ou o antipático, o bonito ou o feio, o da minha pátria ou o estrangeiro, o branco ou o preto ou o amarelo, o europeu ou o americano, o africano ou o asiático. Utilizando uma linguagem conhecida pelos senhores, podemos dizer que o amor não conhece "nenhuma forma de discriminação". Além do mais, para um cristão, todos devem ser amados, porque em cada um, ele ama Cristo. Um dia Jesus mesmo lhe dirá: "Foi a mim que o fizeste" (cf. *Mt* 25, 40).

Essa arte de amar quer que sejamos os primeiros a amar sem esperar que o outro nos ame primeiro. Quer que amemos a todos como a nós mesmos. Também Gandhi dizia: "Eu e você somos uma coisa só. Não posso machucá-lo sem me ferir"[1]. Essa arte significa também saber "fazer-se um" com os outros, assumir os seus pesos, os seus pensamentos, os seus sofrimentos, as suas alegrias. […]

1 WILHELM MÜHS, *Parole del Cuore*. Milão, 1996, pág. 82.

Contudo, se este amor for vivido por várias pessoas, torna-se recíproco.

Cristo, o "Filho" por excelência do Pai, o Irmão de cada homem, deixou exatamente esta norma para a humanidade: o amor recíproco. Ele sabia que isso era necessário para que reinasse a paz e a unidade no mundo, para que se formasse nele uma única família. A família humana universal que supera o limitado conceito de sociedade internacional, dado que no seu interior os relacionamentos entre pessoas, grupos, povos, foram pensados com a finalidade de abater as divisões e as barreiras de qualquer tipo, em qualquer época.

Para qualquer pessoa que tente remover as montanhas do ódio e da violência, a tarefa é enorme e árdua. Mas o que é impossível para milhões de homens isolados e divididos, pode se tornar possível para pessoas que fizeram do amor recíproco, da compreensão mútua, da unidade a motivação essencial da própria vida.

E por quê? Existe um porquê.

Outro elemento desta nova espiritualidade, derivante do amor recíproco, preciosíssimo, que surpreende e causa admiração, é aquele anunciado também pelo Evangelho, quando diz que, se duas ou mais pessoas se unem no amor verdadeiro, Cristo em pessoa, que é a Paz, está presente entre elas e, portanto, nelas. E que garantia e possibilidade maior pode existir para aqueles que querem ser instrumentos de fraternidade e de paz? O amor recíproco, a unidade, que tanta alegria gera em quem a coloca em prática, exige sempre seriedade, treinamento cotidiano, sacrifício.

E ressalta para os cristãos, de modo luminoso e dramático, uma palavra que o mundo não quer ouvir pronunciar, pois a considera tola, absurda, insensata. Esta palavra é a cruz. Não se faz nada de bom, de útil, de fecundo no mundo sem conhecer, sem saber aceitar o esforço, o sofrimento, em resumo, sem a cruz. Não é uma brincadeira comprometer-se em viver e semear a paz! É preciso coragem para isso. É preciso saber sofrer.

Na verdade, não foi a recordação do sofrimento e da dor gerada pelo 2º conflito mundial que fez surgir a ONU? Do negativo das divisões e da luta, passou-se ao positivo da integração entre os Estados e da unidade entre as Nações.

E não foi por acaso que também o Movimento dos Focolares nasceu nesse mesmo período histórico: sob a escuridão dos bombardeios dessa terrível guerra, um grupo de moças descobriu a luz do amor recíproco, da atitude de estar prontas a dar a vida umas pelas outras e decidiram transmitir esse amor a pessoas, grupos, povos, sem excluir nem esquecer ninguém.

Mas, sem dúvida, se várias pessoas aceitassem o sofrimento por amor, o sofrimento exigido pelo amor, ele teria a chance de se tornar a arma mais poderosa para doar à humanidade a sua mais alta dignidade: sentir-se não tanto um aglomerado de povos em fileira, muitas vezes em combate, mas um único povo, enriquecido pela diversidade de cada um e reservatório das diferentes identidades.

Além disso, Deus Pai, com o seu amor, nos ajuda sempre nesta árdua caminhada.

E quero recordar Maria, a mãe de Jesus e de cada homem, amada, venerada, presente também em outras Religiões. Dela podemos receber inspiração, conforto, amparo: é a função de uma mãe compor e recompor sempre a família.

Esta espiritualidade comunitária não está obrigatoriamente ligada a uma Igreja ou a uma Religião: é universal e de alguma forma pode ser vivida por todos.

Graças a ela, abriram-se fecundos diálogos com todos os homens, com cristãos de muitas Igrejas com fiéis de diversas Religiões e com pessoas das mais variadas culturas, as quais encontram enfatizados nessa espiritualidade os valores em que acreditam. Juntos nos encaminhamos para a plenitude da verdade a que todos aspiramos.

Hoje, em virtude desta espiritualidade, homens e mulheres de quase todas as nações do mundo, lenta mas decididamente estão tentando ser, pelo menos lá onde se encontram, sementes de um povo

novo, de um mundo de paz, mais solidário sobretudo com os desprotegidos, os pobres, e de um mundo mais unido.

Com ela nos sentimos no dever de dar a nossa contribuição nesta "casa" de encontro entre os povos, para animar com uma injeção espiritual os esforços que vão se realizando para que a ONU seja um instrumento à altura das expectativas da humanidade.

Todos os protagonistas da vida internacional sentem a necessidade de dar uma nova interpretação à reciprocidade, um dos pontos fundamentais dos relacionamentos internacionais e que também é a base da nossa espiritualidade e da nossa ação. A reciprocidade exige a superação de antigas e novas lógicas de alianças, estabelecendo relações com todos, como o verdadeiro amor exige, que nos pede o primeiro passo sem condições e pretensões; e para ver o outro como um outro "eu mesmo", orientando segundo esta linha qualquer tipo de iniciativa: desarmamento, desenvolvimento, cooperação.

É uma reciprocidade capaz de levar os protagonistas da vida internacional a "viver o outro", as suas necessidades, capacidades, não só em momentos de emergência, mas partilhando cotidianamente da sua existência.

A paz, como testemunham as finalidades e a ação das Nações Unidas, tem nomes novos e exige em primeiro lugar um esforço que a ONU, com a ajuda especial dos senhores e a contribuição de todos, pode fazer: superar a categoria do inimigo, de qualquer inimigo.

Excluir a guerra não é suficiente. Devem ser criadas as condições para que cada povo se sinta capaz de amar a pátria alheia como a própria, num recíproco e desinteressado intercâmbio de dons.

Que Deus, Pai de todos, queira fecundar os nossos esforços e de todos os que estão empenhados no excelso objetivo da paz! E que se possa, como disse João Paulo II à ONU no qüinquagésimo aniversário de sua fundação: "Construir no século vindouro e no próximo milênio uma civilização digna da pessoa humana, uma verdadeira cultura da liberdade e da paz.

Podemos e devemos realizá-lo! - continuou o Papa. E fazendo-o, iremos notar que as lágrimas deste século prepararam o terreno para uma nova primavera do espírito humano"[2].

Obrigada Excelências, senhoras e senhores, pela atenção que me dispensaram. Nós recordaremos sempre os senhores ao Príncipe da paz.

(aplausos)

2 L'OSSERVATORE ROMANO, 6 de outubro de 1995, págs. 6-7, ed italiana.